

Por que apesar de a igreja evangélica brasileira ser a minha maior mágoa, eu ainda a amo

Igor Silva de Campos

Resumo

O título é a última frase de um texto escrito em 2021 por Thaínes Recila, em um contexto de crise e incerteza que se agravou depois de 2018, com ataques à democracia, perda de direitos e aumento da desigualdade, e que define bem o grupo pesquisado. Este cenário provocou um isolamento entre evangélicos contrários à visão homogeneizante da teologia fundamentalista e ao bolsonarismo. Em resposta, aqueles que puderam se organizaram para se fortalecer e articular questionamentos, formando redes de apoio e resistência. A partir disso, é criado um grupo de WhatsApp chamado "Os 7 mil" para romper com o isolamento provocado por esse contexto e pela pandemia. O trabalho se baseia na experiência vivida nesse grupo, que reuniu evangélicos engajados em adotar novas visões sobre a fé, dialogar sobre experiências e formar uma rede de apoio. Em meio ao confronto entre o não reconhecimento pelos outros evangélicos e a reivindicação da identidade religiosa, os desviantes e desviados fazem emergir as contradições do grupo conhecido como 'os evangélicos'. Utilizando como referencial teórico Peter Berger, Thomas Luckmann, Pierre Bourdieu e Bruno Latour, a pesquisa reflete sobre como as instituições religiosas moldam o sentido para os indivíduos e o impacto da dúvida e relativização na geografia do evangelicalismo. A metodologia faz uso de observação participante, questionários e rodas de discussão, proporcionando uma compreensão das dinâmicas internas e das reflexões geradas a partir delas.

Palavras-chave: evangelicalismo, religião, política e democracia.

Introdução

Nos últimos anos vimos a esfera pública cada vez mais tomada por evangélicos, bem como a perpetração de um projeto de hegemonia na política. Esse processo é acompanhado por consequências não somente na arena pública, mas também no interior das igrejas onde os que se opõem são combatidos e silenciados. Mas, antes é preciso entender a formação dos evangélicos como grupo.

Angela Paiva (2010) argumenta que, apesar do surgimento da esfera social e da passagem da religião para a esfera privada, isso não significou a perda da importância da religião na análise sociológica. Pelo contrário, a religião pode se constituir em uma instância relevante que leva à participação do indivíduo no mundo, isto é, na esfera social, conforme descrito por Arendt (Paiva, 2010: p. 10). A religião possui uma *Weltanschauung*, ou seja, uma cosmovisão e um *habitus* religioso, o que não implica necessariamente um agir racional no mundo. Existem também as 'ações orientadas por valor', nas quais o valor da ação não está no resultado, mas na sua especificidade e obediência.

O crescimento da igreja evangélica no Brasil é inegável e a forma como se apropriou da esfera política é algo um tanto quanto assustador, em parte pela estranheza que gera em parte da sociedade brasileira, mas também pela dificuldade de encontrar definições claras. O conceito de "evangélico" é

definido a partir de disputas históricas dentro do protestantismo, especialmente na América de Tocqueville. Mesmo sem um tipo único de protestantismo, era possível falar de uma religião voltada para a autonomia individual, pluralismo religioso, participação na vida pública, igualdade e liberdade, ainda que restritas aos brancos (Paiva, 2010).

O protestantismo que chegou ao Brasil veio de um contexto histórico diferente, no qual o protestantismo americano havia concebido a ideologia do ‘Destino Manifesto’. Essa ideologia afirmava que os cristãos americanos tinham o dever moral e nacional de moldar uma sociedade ideal e de conduzir missões civilizatórias para salvar a humanidade (Mendonça, 1984). No entanto, no século XIX, havia uma disputa significativa entre arminianos e calvinistas. O arminianismo metodista, associado à Teologia dos Avivamentos, acreditava na evolução individual, na urgência da salvação e na melhora social, questionando a escravidão. Em contraste, o calvinismo do Sul, que havia defendido a escravidão por séculos, passou a advogar pela separação entre religião e política (Mendonça, 1984).

Durante o século XIX, enquanto os puritanos do norte dos EUA avançavam na luta contra a escravidão e promoviam a abolição, Dom Pedro II, no Brasil, patrocinava a vinda dos imigrantes confederados derrotados e sua teologia. Embora a Teologia do Avivamento tenha chegado com força ao Brasil, resultando em uma influência significativa, ambos os lados formaram quase um consenso doutrinário. Esse consenso é exemplificado pelo hinário comum "Hinos e Salmos", que ajuda a compreender a base ideológica do protestantismo brasileiro na época (Mendonça, 1984). Os principais pontos desse protestantismo são:

- Pietista: Enfatizando a experiência pessoal de fé, a pedagogia da cruz através do sofrimento, o amor e perdão de Jesus, a conversão e a negação dos prazeres mundanos.
- Peregrino: Destacando a vida terrena como uma jornada penosa e provisória em direção ao céu.
- Guerreiro: Utilizando metáforas de guerra e militares, combatendo o mal, que poderia ser representado pelo catolicismo e outras religiões.
- Milenarista: Com visões da vinda antecipada de Jesus e a ideia de que o Reino de Deus não seria estabelecido pela cristianização, mas por iniciativa divina.

Neste contexto, há semelhanças com o catolicismo ibérico. Como aponta Paiva (2010), o catolicismo também trabalhava com a dicotomia entre as coisas do mundo, passageiras, e a vida vindoura, a qual deveria ser almejada. Além disso, estava em sintonia com o milenarismo, tanto na tradição indígena guarani, com a busca pela terra sem mal, quanto no sebastianismo português, defendido pelo padre Antônio Vieira, que pregava o retorno messiânico de D. Sebastião, morto em batalha contra o domínio espanhol no século XVI (Mendonça, 1984).

A questão dos evangélicos surge posteriormente. Nos EUA, no século XX, eles emergem como um grupo intermediário entre os fundamentalistas estigmatizados – que representavam uma reação conservadora à modernidade e ao desencantamento do mundo – e a teologia liberal, que abordava a Bíblia com ceticismo. Os evangélicos buscavam manter uma conexão com a teologia fundamentalista sem renunciar completamente a ela, enquanto defendiam uma visão mais racional da realidade. Na América Latina, uma parte dos evangélicos defendia uma teologia baseada na realidade do povo, em diálogo com as ciências humanas e a Teologia da Libertação, enquanto outra parte se



baseava no personalismo de Billy Graham, representando uma face mais branda do fundamentalismo (Rodrigues, 2009).

No Brasil, houve tentativas de contestar o projeto fundamentalista, como a Confederação Evangélica Brasileira, que procurou organizar movimentos e instituições, mas foi desarticulada com o golpe militar de 1964. Em 1974, o Congresso de Lausanne, com participação de latino-americanos, representou uma oportunidade concreta para uma nova teologia comprometida com a transformação da realidade de um continente marcado pela violência e miséria. Contudo, enfrentou desafios ao se aliar ao conservadorismo, sendo quase completamente esvaziado na década de 1980 com os Congressos de Evangelização para Evangelistas Itinerantes, mobilizados pela Associação Billy Graham, que representou a hegemonia da ala conservadora, branca e antissocialista. Assim, o movimento iniciado em Lausanne retrocedeu e se curvou à direita (Rodrigues, 2009).

Entretanto, o cenário é complexo e repleto de contradições. Nos Estados Unidos, um grupo fundamentalista de pressão política conhecido como “Maioria Moral” formou-se para eleger George W. Bush, e os evangélicos passaram a ser vistos como um grupo composto por movimentos incertos e alianças temporárias, estendendo-se à sombra de indivíduos (Rodrigues, 2009).

Analisando a realidade atual, é evidente que, embora seja problemático considerar os evangélicos como uma categoria homogênea, as diferenças teológicas entre os grupos hegemônicos tendem a se esmaecer em certos contextos. As eleições presidenciais de 2018 evidenciaram que, apesar das divergências significativas em termos de classe, raça e gênero, essas diferenças podem desaparecer quando se trata de apoiar um projeto conservador que se opõe à agenda dos movimentos sociais e aos direitos humanos.

Diante desse fenômeno, qualquer discordância em relação à ideologia predominante pode levar à marginalização e a uma posição vulnerável, sujeita a abusos, ridicularização, exclusão social e até mesmo ter a vida ameaçada. Portanto, a construção de um campo progressista ou mesmo um outro posicionamento distinto diante do projeto político-religioso estabelecido, exige um preço. Por isso, o adoecimento psíquico, embora não seja estudado no meio evangélico, tem sido um tema bastante recorrente, principalmente entre pastores.

Quem muito bem expressou tudo isso foi Tháines Recila (2021) em um texto compartilhado na plataforma online Médiun que falava sobre sua dor:

“Aprendi a ser gente entre esses sons parecidos com canções de povos antigos vindo de pessoas que sangram, mas que têm uma esperança que desafia a morte. [...] E no lugar das canções ritmadas pelas vozes fortes de mulheres e homens que são também as lavadeiras, os motoristas, as agricultoras e os empregados, há som de metralhadoras [...] Este lugar não é mais um Lar. [...] A igreja evangélica brasileira é a minha ferida mais doída. O inimigo que surge no amante. É meu coração dilacerado. [...] E isso tudo porque apesar da igreja evangélica brasileira ser a minha maior mágoa, eu ainda a amo.”

No texto de Recila (2021) há uma evidente contradição entre o lugar de afeto, onde ela se constituiu como sujeito, para as transformações acometeram esse lugar, invocando sentimentos conflitantes. Um pouco depois, em 23 de março de 2021, após dez anos enfrentando a depressão, o Pastor Cristiano Fiori cometeu suicídio. A carta deixada foi compartilhada por todos que se



identificavam com o campo progressista, mesmo pelos que não o conheciam, com certa conexão entre os sentimentos impressos em cada palavra. O completo horror ao Bolsonarismo e a insatisfação com a igreja como um todo.

Em face da necessidade de sobrevivência, é preciso encontrar estratégias, entre elas a organização em grupos. Assim nasceu os ‘7 mil’, baseado no texto bíblico de 1 Reis 19:18 onde Deus revela a Elias que, mesmo em meio à perseguição aos profetas de Deus perpetrada pela coroa de Israel, ele não estava sozinho, pois havia ainda 7 mil profetas restantes. O grupo organizado virtualmente em 2020 no WhatsApp, agregando pessoas que interagiam e se ajudavam nas discussões no Twitter em meio à não só o isolamento da pandemia, mas também ao isolamento provocado pelo embate com o evangelicalismo hegemônico.

Bruno Latour (2012) diz que “os sociólogos costumam procurar grupos mais privilegiados, mas a experiência mostra que há muita contradição na formação e alistamentos dos grupos”. Desta maneira, se há um projeto político-religioso que se supõe hegemônico, há também as contradições que emergem de disputas praticamente silenciadas em torno da construção desse projeto, há os outsiders e suas estratégias de sobrevivência, ou como são denominados pelos evangélicos, os ‘desviados’.

Berger e Luckman (2004) afirma que as “instituições foram criadas para aliviar os indivíduos da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter que se orientar dentro dele” (p.54). Mas não são apenas os indivíduos que dependem dela, ela depende que suas estruturas se tornem estruturas de consciência, porém a partir do momento que os indivíduos passam a refletir o conjunto de elementos que compõem a instituição, ela é a ameaçada. É como no filme Matrix, onde um sistema inteligente aprisiona pessoas e manipula suas mentes criando a ilusão de ser o mundo real enquanto se alimenta da energia de seus cérebros.

Berger e Luckman (2012) falam sobre uma realidade objetiva e uma realidade subjetiva, a primeira é institucionalizada, a segunda é o que o indivíduo absorve de fato. Essa realidade subjetiva pode se confirmar pela realidade cotidiana, mas pode também ser confrontada por ela, gerando uma metamorfose. Como define Morin (2010), a metamorfose surge com a saturação de uma organização original “que embora tendo os mesmos aspectos físico-químicos, produz novas qualidades”. Normalmente é fácil manter os desviantes sob controle, mas em um mundo pluralismo a crise de sentido é permanente, ou seja, a crise entre o que o Berger e Luckman (2004) definiram como a consciência entre experiências.

Peter Berger (2017) explica que não há indivíduo que seja imune aos “efeitos corrosivos da relativização”, então a tradição religiosa precisa lidar com a dúvida como um problema a ser enfrentado. E o fundamentalismo nada mais é do que um projeto de eliminação da dúvida, e o caminho para isso é o totalitarismo, seja assumindo controle do Estado, seja criando uma subcultura sectária que opera como um mini-regime totalitário. Os desviantes, são obviamente punidos e afastados, porque atentam contra a ‘estrutura de plausibilidade’, que “é o contexto social onde qualquer definição cognitiva ou normativa da realidade social é plausível” (p.31, tradução minha), e essas definições são impostas pelos que detêm o poder de definir coisas no espaço social (Bourdieu 2007).

Para fugir disso, é preciso um processo de ressocialização, que pode ser extremo, no sentido de uma conversão absoluta do indivíduo a uma realidade subjetiva diferente daquela em que foi socializado e que faça uso de outros repertórios de sentido, ou pode ser em termos (Berger e Luckman, 2003)

“Na re-socialização o passado é reinterpretado para se harmonizar com a realidade presente, havendo a tendência a retrojetar no passado vários elementos que subjetivamente não eram acessíveis naquela época. Na socialização secundária o presente é interpretado de modo a manter-se numa relação continua com o passado, existindo a tendência a minimizar as transformações realmente ocorridas. Dito de outra maneira, a realidade básica para a re-socialização é o presente, para a socialização secundária é o passado.” (Berger e Luckman, 2003. p. 215).

Para Bourdieu (2001), quando os estigmatizados se reúnem em uma luta coletiva contra a violência e a dominação simbólica, eles têm chances maiores de conquistar uma identidade legítima e oficializada no campo. A revolução simbólica não é apenas sobre reconhecimento, mas é sobre a garantia coletiva do poder de construção e avaliação da própria identidade.

Becker (2008) afirma que se juntar em grupos desviantes oferece maior facilidade de racionalizar uma posição no campo. “Eles desenvolvem uma justificativa histórica, legal e psicológica muito complicada para a atividade desviante” (p. 48). Usando o exemplo dos homossexuais, ele fala sobre como a comunidade pôde criar revistas e livros, com artigos sobre homossexuais famosos na história, biologia e a fisiologia do sexo que naturalizam a relação sexual homoafetiva, artigos jurídicos que reivindicam direitos civis. Tudo isso fornece “uma filosofia operacional” que dá uma base simbólica e ideológica à identidade homossexual e ensina a levar a atividade ‘desviante’ sem contratempos.

A internet também abre possibilidades em relação à formação de grupos desviantes e racionalização de sua identidade, até mesmo ao sagrado, com a criação de comunidades fluidas reunidas em torno de práticas “cômodo, terapêutico e personalizado”. “As micro alterações da fé, marcadas por uma hibridização com as tecnologias comunicacionais digitais fazem nascer uma outra religiosidade a partir das interações entre o fiel e o sistema caótico online” (Sbardelotto, 2012). Somadas aos processos históricos e sociais, essas micro alterações representam uma metamorfose da fé

Metodologia

A metodologia utilizada foi a etnografia, reunião coletiva via plataforma Google Meets e questionário eletrônico como o grupo de WhatsApp “Os 7 mil”. Mas também se trata de uma autoetnografia, pois também sou objeto da pesquisa. A pesquisa foi realizada entre agosto e novembro de 2021 para um curso de Antropologia das Crenças no ISDEIS – Estudios Interreligiosos y Sociales.

O questionário se constituiu de 13 perguntas, sendo apenas 2 múltipla escolha, pois queria dar um certa liberdade nas respostas.

As perguntas discursivas foram as seguintes:

1. Idade
2. Gênero
3. Orientação Sexual
4. Orientação Política
5. Opinião sobre a descriminalização do Aborto (a favor, contra ou depende)

6. Escolaridade e áreas de formação
7. Se você é o que você consome, quem você passou a ser na pandemia?
8. Como se define quanto à fé e à sua visão de mundo hoje?
9. O que você é hoje? No que acredita? [Dê referências - pessoas, livros etc - que exemplificam isso.]
10. Igreja evangélica brasileira no Brasil de 2022: ame-a ou deixe-a? Qual é a sua relação com a Igreja hoje?
11. A crise política e a pandemia mudaram muita coisa em nossas vidas, principalmente na forma como nos relacionamos com nós mesmos, com nossa família, amigos e com o mundo. Além da religião, discorra sobre outras coisas que sofreram impacto na sua vida.
12. O que significou fazer parte do grupo "Os 7 mil"? Há alguma história - ou reclamação - que queria compartilhar?
13. Durante a pandemia houve outros grupos de WhatsApp que também te marcaram?

A pesquisa

Quando entrei no Twitter em 2009, ninguém sabia muito bem como usá-lo; era uma rede nova. No entanto, após 2013, tornou-se evidente seu potencial mobilizador. Grupos começaram a se formar em torno de determinados tópicos e interagir constantemente. Após alguns anos fora, ao retornar, encontrei a bolha dos ‘webcrentes’, que era bem forte na rede e, de imediato, parecia mais progressista do que a igreja evangélica que conhecia. Não foi difícil encontrar evangélicos contrários ao bolsonarismo e que se opunham à maneira como líderes influentes do meio se posicionavam.

Isso se dava em um cenário onde pastores pediam nas redes sociais para não questionarem por que estavam solicitando votos para Bolsonaro, alegando que “quando um pai manda, um filho só deve obedecer, mesmo que não entenda”. Era perceptível que 2018 trouxe fissuras e rupturas que talvez nunca serão consertadas, pois a partir dali era um jogo de nós contra eles. Quem cresceu na Igreja Evangélica Brasileira sabe que os inimigos eram sempre maçons e satanistas disfarçados nas igrejas, emissoras de TV que faziam sacrifícios de crianças para alavancar a audiência das novelas, e apresentadoras infantis que supostamente fizeram pactos com o “diabo”.

Nos últimos anos, o discurso ganhou um aprofundamento teórico; agora se sabia que um intelectual chamado “Gramsci” havia elaborado um plano para transformar tudo em comunismo e que o mundo inteiro estava trabalhando para isso. Eu atribuo isso à ampliação do acesso à universidade nos últimos 20 anos. Se antes a igreja precisava competir com a televisão e a produção de cultura de massas secular, agora concorria com a universidade. Com o aumento de jovens evangélicos indo para a universidade e aprendendo a questionar os mecanismos de dominação e controle da religião, a igreja precisou apontar outro inimigo para manter sua clientela cativa.

Parece que era exatamente isso que acontecia no Twitter: uma classe média escolarizada que, apesar da religião, tinha um certo pensamento crítico. Entre os webcrentes havia uma divisão clara para os olhares atentos: os que haviam rompido integralmente com o fundamentalismo e os que ainda defendiam uma forma mais branda. O grupo “Os 7 mil” surgiu a partir do primeiro grupo no início da



pandemia, quando todos tinham mais tempo. Às vezes, funcionava como uma rede atenta às discussões do Twitter, pronta para apoiar os semelhantes e reprimir os fundamentalistas. Também servia para discussões teológicas, fofocas, desabafos, anúncios de conquistas importantes, e para compartilhar músicas, podcasts e vídeos do YouTube.

No que diz respeito aos fundamentalistas, ser bloqueado é motivo de orgulho, mesmo que, na maior parte dos casos, isso acabe parecendo uma briga inútil. Um momento de mobilização no grupo ocorreu em 3 de janeiro de 2022, quando um perfil ultraconservador do Twitter (@FuriaeTradicao) afirmou que estudos mostravam que 3% das mulheres se mantinham virgens após a adolescência, e que isso deveria ser tratado como uma vergonha e um exemplo para as outras. O debate no Twitter e no grupo de WhatsApp durou três dias:

- eu denunciei por misoginia
- Idem
- Mas gente... tem que reportar! Misoginia
- (...)
- o que ela (alguém de fora do grupo) deveria compreender é que o discurso conservador moderado dela reforça esse tipo de pensamento
- isso é um ponto muito importante, que essa galera conservadora não entende. por mais que a gente discorde deles, muitas vezes nossa revolta é principalmente porque o discurso deles reforça essas estruturas de opressão!
- não é meramente a mensagem, é a função que a mensagem tem na estrutura
- ninguém chegou em Giliade (Conto da Aia), separando as mulheres tipo ovelha de um dia para o outro. podem ver na série

(retirado do grupo dos 7 mil, mensagens do dia 03/01/2021)

Mas também há espaço para coisas boas:

- D.: - gente, acho que finalmente vou tomar coragem pra conversar com minha mãe
- D.: - mas eu sou muito cagão
- D.: - vou falar pelo wpp
- D.: - tô muito aflito ultimamente com isso
- D.: - hahahahahahaha
- D.: - não aguento mais fingir
- D.: - eu tenho um bônus, né? ela já sabe
- D.: - eu contei quando tinha 16 anos

- D.: - mas a gente convive como se nada tivesse acontecendo
- - Boa sorte!
- - Que dê tudo certo viu ?
- D.: - ❤️
- - vamos orar por vcs ❤️
- D.: - orem por mim
- D.: - obrigado
- - Vai dar certo
- - Pode deixar
- - Em otacao
- - *oração
- - Migo vai dar tudo certo!
- - Dani, muita força, sabedoria e amor nesse momento!
- - Orando por tu, Dani 💙
- - Vaaaai na fé!
- - Vai dar certo!
- - Anda com fé que a fé não costuma faia
- - Deus te abençoe Dani! Estamos aqui em oração e na torcida!
- - Já deu tudo certo, Dan

(retirado do grupo dos 7 mil, mensagens do dia 27/06/2021)

Quase nunca havia discordância, exceto pelas comuns na esquerda brasileira em relação ao Partido dos Trabalhadores. O grupo tornou-se uma parte importante naquele momento de isolamento para a parte ativa dos seus 38 participantes, dos quais apenas 13 responderam ao questionário. A composição é de 61% homens e 61% heterossexuais. A maioria tem ensino superior completo e está entre as idades de 22 a 43 anos. Quanto à política, transitam entre a centro-esquerda e a extrema-esquerda, sendo 76,9% a favor da descriminalização do aborto e 23,1% marcando como ‘depende’. Quanto à frequência em atividades religiosas e cultos, 46,2% participavam sempre, 38,5% às vezes e 15,4% raramente, ninguém respondeu nunca.

Sobre as atividades desenvolvidas durante a pandemia, foram bem variadas. Foi um período de reflexão e questionamento, mudança de interesses, busca por desenvolvimento pessoal, reavaliação das prioridades e transformações na identidade, como a saída do armário e mudança de igreja.

Avaliando os efeitos da crise política e da pandemia para além da religião, houve perda de amigos e familiares devido à pandemia, distanciamento pela política, desafios financeiros e profissionais, crise de fé, desorientação e falta de toque físico. Contudo, a pandemia trouxe mais reflexões sobre autoestima e sobre exigências relacionadas ao corpo.

No que diz respeito à definição da fé, a palavra ‘evangélico(a)’ aparece apenas três vezes, ‘cristã’/‘cristão’ aparece 12 vezes e o ‘mas’ aparece 10 vezes. Em geral, todos se definem como ainda crentes em Deus, mas muito críticos à instituição religiosa e à interpretação tradicional da Bíblia. Grande parte é cristã progressista, com compromisso com a justiça social e uma espiritualidade mais inclusiva. Quanto à visão sobre a Igreja Evangélica, acreditam que é um ambiente tóxico e agressivo, há uma desconexão com essa identidade, mas também um amor pela ideia de Igreja, como Igreja de Cristo em contraposição à Igreja Evangélica.

O grupo representou para eles apoio emocional e pertencimento, além da possibilidade de pensar diferente sem ser julgado. Ao mesmo tempo, coloca-os em contato com visões diferentes sobre teologia e espiritualidade, bem como com pautas LGBT, antirracistas e de justiça social. No entanto, há críticas à promoção excessiva de links pessoais e à ênfase em conflitos com fundamentalistas. Alguns relataram participar de outros grupos evangélicos, mas a grande maioria não participa.

Conclusão

Embora o grupo “Os 7 mil” represente uma parcela pequena em comparação ao vasto número de evangélicos no Brasil, ele oferece uma visão valiosa sobre as tensões e transformações dentro do segmento religioso. A pesquisa destaca a importância de criar comunidades de acolhimento como uma forma de posicionamento político em um contexto social marcado pelo isolamento. Essas comunidades se organizam para disputar espaços e legitimidade, refletindo a busca por uma alternativa ao fundamentalismo e às tendências totalitaristas na religião.

Além disso, a pesquisa enfatiza a necessidade de desenvolver uma sociologia do desvio que desafie a hegemonia fundamentalista. Enquanto há um volume crescente de estudos sobre a influência dos evangélicos na política, é crucial investigar como as estratégias de resistência e as novas formas de expressão religiosa se manifestam fora do paradigma dominante.

Referências

- BECKER, Howard S. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. São Paulo: Vozes, 2017.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 23. ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. 1. ed. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.



MENDONÇA, Antônio G. O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MORIN, Edgar. Elogio da metamorfose. EcoDebate, 2010. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2010/01/12/elogia-da-metamorfose-artigo-de-edgar-morin/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

PAIVA, Angela R. Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 232 p. ISBN 978-85-7982-041-0. Disponível em: SciELO Books <http://books.scielo.org>. Acesso em: 12 ago. 2024.

RECILA, Thaínes. A igreja evangélica é minha mágoa. Medium, 2021. Disponível em: <https://medium.com/@RecilaThaines/a-igreja-evang%C3%A9lica-%C3%A9-minha-m%C3%A1goa-cb70e5987ae>. Acesso em: 12 ago. 2024.

RODRIGUES, Ricardo Gondim. A teologia da missão integral: aproximação e impedimentos entre evangélicos e evangelicais. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo.

SBARDELOTTO, Moisés. Entre o social e a técnica: os processos midiáticos do fenômeno religioso contemporâneo. Revista Ação Midiática, v. 2, n. 1, 2012.